

PRÓLOGO

Após um fim de semana passado na cama, Michael acordou na segunda-feira como se tivesse a garganta cheia de estilhaços de vidro. Tinha acabado de puxar o edredão para tapar a cabeça pesada da febre e decidido telefonar para o trabalho a dizer que estava doente, quando a mulher entrou no quarto, parou de braços cruzados junto ao fundo da cama e lhe lançou *aquela* olhar. Michael levantou-se. Afinal de contas, ela tinha razão. Entrara há pouco tempo para a central de incineração como operador de grua e não podia arriscar transmitir uma primeira impressão negativa.

Reavivado por uma mistura de Paracetamol e café, conduziu até à ilha industrial de Copenhaga, Refshaleøen, sentindo-se cada vez melhor, o som do rádio a alternar entre êxitos de música ligeira e anúncios vibrantes. Estacionou o carro, acenou aos seguranças e subiu no elevador até aos vestiários do pessoal, para mudar de roupa. Em abono da verdade, isso não era sequer necessário, pois a pressão negativa dentro dos silos de resíduos selados deixava a área circundante quase sem vestígios de odores, mas, independentemente disso, Michael vestia sempre o macacão de serviço. Apertou as botas de biqueira de aço, colocou o capacete e encaminhou-se para a central, os joelhos doridos devido à gripe.

Os caminhos em torno do silo formavam um mundo próprio, feito de aço e válvulas, painéis de controlo, caldeiras e sinais. Sem

quaisquer janelas, a central de incineração era um sistema fechado, sem sinais meteorológicos ou qualquer ritmo circadiano. Michael baixou-se algumas vezes para passar debaixo dos canos de água quente, cumprimentou dois colegas junto às turbinas de vapor e entrou na sala do operador de grua. Guardou o almoço no frigorífico e fez uma caneca de café antes de mergulhar na cadeira, com um suspiro pesaroso. À sua frente surgiu um cenário assustador, ao qual ainda não se habituara por completo.

Uma janela, a única em todo o silo de detritos, mostrava o coração da central de incineração: o baixo-ventre da civilização ocidental, um amontoado maciço de futilidades imundas. Michael nunca trabalhara com lixo e, nos primeiros turnos, sentira-se enjoado, como se estivesse a assistir ao apocalipse e devesse agir, em vez de estar simplesmente a olhar. Com o tempo, aquele sentimento melhorara. Até começara a comer as bolachas que os colegas deixavam enquanto movimentava a garra.

A garra! Com oito metros, de uma ponta à outra, parecia oriunda de um mundo distópico, onde aranhas gigantes governavam um planeta moribundo. Michael levava várias fotografias da garra para casa, para mostrar ao filho que, com 6 anos, estava convencido de que o trabalho do pai era o melhor do mundo.

Na verdade, o trabalho do pai era um pouco aborrecido. O sistema que controlava a garra, que a fazia mover-se das calhas onde os carrinhos com detritos eram despejados e levados até ao forno, era automático. Michael só ali estava para observar a transferência dos detritos da esquerda para a direita vezes sem conta, para se certificar de que nada corria mal.

— Bom dia — cumprimentou-o Kasper Skytte ao entrar, sentando-se na cadeira junto à de Michael.

Por vezes, os engenheiros de processo apareciam para verificar se havia algo errado no sistema de controlo. Michael não reparara em nada.

— Algum problema até agora?

— Nada.

Felizmente, era raro os engenheiros falarem com o operador de grua, ou com quem quer que não falasse a sua linguagem técnica, na verdade. Por isso, Michael sabia que poderia trabalhar em paz, o que até calhava bem. Sentia-se febril e quente e, afinal, talvez devesse ter desafiado a mulher e ter ficado na cama.

— Café? — perguntou-lhe Kasper.

— Obrigado, estou bem.

O engenheiro levantou-se, remexendo em canecas e colheres atrás de Michael, até que bocejou sonoramente, acabando por afundar-se de novo na cadeira junto à dele, ficando mais uma vez lado a lado a observar o silo. Michael pegou na sua mochila e procurou por alguma coisa que lhe aliviasse as dores de garganta, na esperança de ainda ter alguma pastilha. Encontrou uma embalagem de rebuçados *Ricola* e, agradecido, pôs logo um na boca.

A garra aproximou-se da janela, completamente carregada. Sempre que se aproximava muito, a oscilar, era um cenário impressionante. O lixo pendia dos seus braços gigantescos, como se fossem os tentáculos de uma alforreca: uma corda, uma lona suja, umas sapatilhas.

Michael aproximou-se do vidro, semicerrando os olhos. Aquele sapato estava preso a alguma coisa. Assim que a carga passou em frente da janela, viu surgir um braço, a cair do lixo, pendurado inerte na garra. Ao seu lado, Kasper cuspiu o café diretamente sobre a janela.

Foi então que Michael carregou com força no botão de emergência.

CAPÍTULO 1

O oceano fechou-se sobre a sua cabeça e ele foi afundando, cada vez mais longe da luz da superfície. Uma alga afagou-lhe os braços, convidando-o a descer mais. Sentiu-se tentado a deixar-se ir, a expirar uma última vez e cair, deixando o corpo dissolver-se em pequenas partículas que dançavam nos raios de sol que penetravam no mar e render-se às sereias daquele azul infindável.

No entanto, as águas cinzentas da marina de Snekkersten estavam longe desse azul infindável. Jeppe Kørner deu um impulso e esticou os braços em direção à luz. Segundos mais tarde, rasgou a superfície e inspirou.

— Já começava a pensar que nunca mais voltavas.

Jeppe sacudiu a água dos ouvidos e, de olhos semicerrados, observou a figura no cais. Acima da superfície o mundo era quente e brilhante. Nadou até à escada e procurou com os pés o último degrau, escorregadio, olhando uma última vez para baixo. As profundezas frias do mar sempre lhe tinham provocado uma certa nostalgia, talvez um certo desejo de morte.

— Não percebo como é que aguentas tanto tempo. Fiquei gelado em apenas dez segundos — Johannes Ledmark tremia no seu roupão de banho, enquanto estendia uma toalha a Jeppe. — Vamos ligar a sauna e aquecer, antes que chegue o magote de idosos. Não aguento a visão de todas aquelas veias varicosas.

Piscou um olho, como se tivesse sido ferroadado pelo próprio comentário mordaz, e encaminhou-se para a sauna. Jeppe secou-se e enfiou os pés nas sandálias demasiado pequenas que o amigo lhe encontrara.

Johannes, ator conceituado e um dos mais antigos amigos de Jeppe, arrendara para o verão o piso térreo de uma velha casa de tijolo perto do porto, em Snekkersten, enquanto procurava um novo lugar para viver. As inúmeras tentativas para salvar o seu casamento de doze anos tinham falhado e o apartamento num condomínio que ele e o marido tinham no centro da cidade estava agora à venda. Entretanto, Johannes tinha vindo lamber as feridas longe dos olhares indiscretos do público, na antiga vila piscatória de Snekkersten, a norte de Copenhaga. A casa estava decadente, deixava entrar água e o jardim era um verdadeiro matagal, mas Johannes parecia florescer naquele caos temporário com vista para as águas do Øresund. Até já começara a deitar mãos à obra com um corta-sebes e uma tesoura de poda, insistindo, teimosamente, que cortar a relva e arrançar as ervas daninhas do pátio incentivava a meditação.

— Ah, acho que estamos com sorte. A sauna está vazia.

Johannes segurou a porta do pequeno edifício do quebramar pintado de preto para Jeppe. Acomodaram-se nos bancos de madeira da sauna e deixaram que o calor seco do espaço se infiltrasse pela madeira, trazendo a vida de volta aos seus corpos frios. Aquele início de primavera estava invulgarmente soalheiro e quente para um país como a Dinamarca, mas por vezes ainda se sentia um frio cortante e a temperatura da água ainda não subira acima dos 7° C.

— Quem haveria de dizer, homens crescidos, banhistas de inverno na sauna — exclamou Johannes, com uma gargalhada. — Estamos apenas à distância de uma sanduíche de *pastrami* e de um bilhete sénior para o Museu da Louisiana para nos transformarmos nos nossos pais.

— Qual é o problema do *pastrami*? — perguntou Jeppe, sacudindo a água do mar do cabelo curto, para impedir que escorresse, gelada, pelas suas costas. — Receio que já nos tenhamos tornado nos nossos pais há muito tempo. Tu é que ainda não tinhas reparado, porque escolhes sempre tipos com metade da tua idade.

— Oh, para lá com isso — Johannes bateu-lhe no braço com uma toalha enrolada e, em resposta, Jeppe deu-lhe um murro no ombro. Ambos esfregaram as zonas atingidas, a rir.

— Além do mais, os meus jovens namorados mantêm-me em forma. Repara, nunca estive mais atraente do que agora! — Johannes sorriu, enigmaticamente. — Jovem e solitário apenas aos domingos. E tu? Na prática é como se agora já tivesses mulher e filhos. Como estão a correr as coisas?

Jeppe olhou para os pés, perlados de gotas de água do mar e suor. De facto, podia dizer-se que o que tinha com Sara era o que sempre sonhara, algo que ele nunca imaginara alcançar, e muitas vezes sentia-se a caminhar por uma linha ténue entre o amor e a crispação.

— Ainda não estamos a viver juntos — disse Jeppe. — Não é assim tão fácil quando há crianças envolvidas.

— Por outro lado, é uma forma de teres filhos — Johannes inclinou a cabeça para um lado e secou as orelhas na toalha. — Sempre foi uma coisa que quiseste.

Jeppe encolheu os ombros. Passara por três tentativas falhadas de tratamentos de fertilidade com a ex-mulher até decidirem separar-se e ela acabar por ter um filho com outra pessoa. Desde então, praticamente abandonara a ideia de vir a ser pai.

— Quando não temos filhos, tudo isto pode ser um pouco avasador — admitiu Jeppe.

— Com toda a honestidade — começou Johannes, olhando-o com ceticismo —, é possível aprender a amar realmente os filhos de outras pessoas?

Jepe pensou em Amina, de 11 anos, que nessa manhã tinha acordado toda a casa — e também a maior parte dos vizinhos — ao pôr a tocar *K-pop* num volume digno de um concerto ao vivo e a fazer depois uma birra quando Sara desligou a música.

— São as duas excelentes miúdas.

— Tomo isso como um não — Johannes riu-se. — Era o que eu imaginava, mas compreendo. A maior parte dos miúdos são tão insuportáveis como os próprios pais.

— Calma — protestou Jepe. — Não foi isso que eu quis dizer. Gosto muito das filhas da Sara, só precisamos de habituar-nos uns aos outros. Elas precisam de algum tempo para se adaptarem à ideia de a mãe ter um namorado, que não é o pai... — sentiu uma onda de calor subir-lhe pela espinha e chegar-lhe ao rosto, deixando-lhe as bochechas de um vermelho brilhante. — Ouve lá, não deveríamos estar antes a falar do teu divórcio? Como está a correr a partilha dos bens? Os vossos advogados estão em contacto?

— Está bem, está bem, ganhaste — Johannes levantou as mãos, num gesto de rendição. — Vamos tomar o pequeno-almoço. Tenho *croissants* da padaria.

— Antes, temos de voltar à água — Jepe levantou-se, com uma gota de suor a pingar-lhe do queixo para o chão. — Só um mergulho rápido.

— Nem pensar! Se tiver de entrar novamente naquele oceano gelado, morro.

— Um mergulho não te vai matar. Vamos lá, meu velho! — Jepe puxou Johannes para fora da sauna e empurrou-o até ao quebra-mar, em direção à plataforma de natação. Já tinha saudades daquela escuridão fria, abaixo da superfície. Pendurou o roupão no gradeamento e ia a caminho da escada quando ouviu o telemóvel tocar. Voltou atrás e retirou-o do bolso do roupão, para ver quem estava a ligar. O vento deixou-lhe a pele dos braços nus toda arrepiada. Era a superintendente.

* * *

Os seus sapatos afundaram-se na areia macia, immortalizando com um rasto de pegadas cada ponto de contacto entre as solas de borracha e a praia de Greve. Anette Werner deixou os cães correrem à sua frente e apreciou a sensação do corpo a trabalhar, os pulmões a bombear oxigénio para dentro e para fora. O oceano era uma faixa azul-acinzentada que enviava lufadas de ar com cheiro a algas marinhas que vinham com as ondas, misturando-se com o cheiro forte do tojo da areia. O sol da manhã já estava bem acima da linha do horizonte. Anette respirou fundo e pensou em como as coisas que nos fazem sentir felizes e vivos geralmente também implicam dor. Como tornar-se mãe, por exemplo. Ter a pequena Gudrun há um ano e nove meses fora, sem dúvida, a coisa mais difícil — e às vezes até a mais chata — pela qual já passara. Mesmo assim, amava tanto a filha que começava a sentir a sua falta logo no exato segundo em que todas as manhãs se despedia dela na creche.

Mais à frente, os cães começaram a ladrar. Conseguia vê-los à beira da água e correu cerca de cem metros até junto dos seus três ansiosos *border collies*, tão depressa que quando os alcançou sentia o sabor de sangue na boca. Os cães rosnavam e empurravam-se, alternadamente saltando ou deitando-se na areia. Anette separou-os e agachou-se, para ver o que tinham encontrado.

Um pássaro morto jazia sobre a areia grossa. Reconheceu a plumagem preta e branca, o verde no pescoço e o delicado laranja no peito de um êider macho comum. Estava deitado de costas, com a cabeça virada para um lado, como uma criança. As suas penas estavam praticamente intactas, mais parecia estar a dormir. Porém, entre as patas amarelas, no lugar onde deveria estar o abdómen, havia apenas um buraco ensanguentado. O pato estava morto. Talvez tivesse migrado de Saltholm em direção ao norte, para passar o verão, tendo sido deixado para trás pelo seu bando.

O sol cintilava sobre as suas penas brilhantes e Anette resistiu ao impulso de passar o dedo sobre o belo animal. Afinal, era apenas um pássaro morto, não muito diferente do frango que Svend fizera para o jantar da noite anterior.

Chamou os cães que, obediamente, a seguiram até ao carro, inquietos por terem de deixar ficar o pássaro, mas demasiadamente bem treinados para desafiarem a dona. Na zona de estacionamento, Anette limpou-lhes as patas e, com graciosidade, os animais saltaram para a parte de trás do veículo, parecendo já ter esquecido o seu achado. Porém, mal ligou o motor, começaram a gemer e a choramingar, assim permanecendo até chegarem a casa, como se tivessem deixado para trás uma parte de si, na praia.

No número 14 da Holmeås, Svend estava no jardim da frente, saudando-a com Gudrun nos braços. Mesmo de longe, Anette podia ver a filha a debater-se para descer do colo e explorar o mundo, sempre impaciente, só parando quando dormia. *Tal como a mãe*, pensou Anette com orgulho. Quando desligou o motor, Svend pousou a pequenina no chão e ela encaminhou-se, com o seu passo vacilante, na direção aos arbustos, sem sequer olhar para trás, o rabo com a fralda a balançar e os bracinhos esticados, como uma equilibrista a segurar a vara.

Anette deixou os cães saírem do carro e foi beijar o marido. Pousou-lhe a mão na nuca, prolongando o beijo.

— Estás toda suada — suavemente, ele soltou-se do abraço, afagou-lhe a face e levou os cães até à porta da frente. — Mas *sexy!*

E, enquanto despia a roupa desportiva em frente ao espelho, pela primeira vez na sua relação de vinte e cinco anos, concordou com ele. Sempre tivera aquilo a que a mãe sempre consistentemente chamara de ossos fortes, talvez para protegê-la do facto desconfortável de ser gorda. Tinha sido a maior rapariga da turma, a mais alta e com os ombros mais largos e a que tinha as coxas mais musculosas. A que ganhava sempre nas provas atléticas e a preferida na escolha

de equipas. Anette nunca considerara o seu tamanho um problema e Svend nunca lhe dera motivos para pensar que a via como alguém menos que perfeita, por muito rechonchuda que, por vezes, estivesse.

No entanto agora, ao olhar para o espelho, via um corpo diferente. A amamentação e os muitos meses de licença de maternidade tinham-lhe sugado os quilos em excesso, tendo como resultado que aos 46 anos estava em melhor forma do que nunca. Ainda tinha carne sobre os ossos, mas mais firme e forte. E estava mais bonita. Surpreendeu-se ao sentir como era bom. No chuveiro, permitiu que as mãos prestassem atenção ao corpo que ensaboavam e sentiu um enorme bem-estar ao tocar a pele firme sobre o abdómen. Secou-se em frente ao espelho de corpo inteiro e vestiu-se com as costas meio viradas, para conseguir avaliar o traseiro. Tendo considerado o corpo uma ferramenta durante a maior parte da vida, ao invés de algo decorativo, agora havia algo de inebriante em sentir-se atraente.

— O teu telemóvel está a tocar! — avisou Svend da cozinha e Anette rapidamente acabou de vestir as calças e correu para atender.

Gudrun estava sentada à pequena mesa de jantar, segura na sua cadeira alta, a atirar iogurte de fruta ao pai, que recebia os bombardeamentos com um sorriso. Sempre tivera um temperamento calmo, mas desde que se tornara pai, a sua paciência esticava-se como um pedaço de pastilha elástica ao sol. Anette atravessou a sala, abotoando as calças, e pegou no telefone, que continuava a tocar sobre a mesa da cozinha, ao lado dos pães com fermento que Svend acabara de fazer.

— Daqui Werner! — apercebeu-se de que tinha conseguido pisar uma bola de iogurte e praguejou para consigo.

— Desculpe perturbar o seu fim de semana, mas temos um problema. Bem, um possível problema. Acabei de falar com o Kørner.

Era a voz da Supe. O estado de espírito de sábado, de Anette, começou a afundar, caindo em direção aos dedos dos pés cobertos de frutos vermelhos. A superintendente — que nunca fora conhecida

senão por «Supe», apesar de se chamar Irene Dam — era extremamente profissional e nunca telefonaria a um sábado, se o «possível problema» não fosse muito provavelmente real. Anette viu a saída familiar já planeada começar a esfumar-se na incerteza.

— Que aconteceu?

— Temos um jovem desaparecido ou, para ser mais precisa, um rapaz de 15 anos, Oscar Dreyer-Hoff. Foi visto pela última vez quando saiu ontem à tarde da escola, às 14h45h. Os pais pensaram que tinha passado a noite em casa de uma colega, mas verificou-se não ter sido o caso. Só se aperceberam da situação quando ele não regressou a casa esta manhã, como estava combinado.

— E por que razão *fomos* chamados? — perguntou Anette, olhando em volta, à procura de algo com que limpar o pé. — É bastante comum um jovem de 15 anos desaparecer por um dia ou dois para ir a uma festa à qual os pais não querem que vá, ou algo do género. Se estamos a ser envolvidos deve haver algo suspeito, não?

— A família recebeu uma carta.

Anette estabeleceu contacto visual com Svend. Já tinham passado por aquelas situações tantas vezes que ele percebeu, instantaneamente, o que aquele olhar significava. O piquenique de família teria de ser feito sem ela. Ele encolheu os ombros e mostrou-lhe um sorriso de encorajamento, antes de voltar a esconder-se por detrás do jornal e espreitar repentinamente por cima do mesmo, fazendo com que Gudrun desatasse a rir.

— Foi raptado? — perguntou Anette.

— Não sabemos ao certo — a Supe suspirou. — Mas a família é... como dizer, *proeminente*? São donos daquela leiloeira, Nordhjem. E já antes receberam ameaças. Há já vários anos que os temos sob o nosso radar.

Anette ouviu o riso da filha encher a cozinha.

— Estou a caminho.

CAPÍTULO 2

Por trás do constante fluxo de navios de cruzeiro do cais Langelinie e da mundialmente famosa escultura da Pequena Sereia, um pequeno barco de recreio, o Søndre Frihavn, escondia-se entre armazéns e o tipo de prédios de apartamentos modernos onde os frigoríficos de aço inoxidável estão sempre vazios porque os seus proprietários se encontram em Hong Kong.

Jeppes Kørner fez uma careta para o cais, passando por um restaurante com uma esplanada sob guarda-sóis verde-escuros, em direção aos edifícios de cimento vermelhos e cinzentos, a seguir aos quais o *ferry* de Oslo atracava. Esta zona poderia ser considerada desejável, até mesmo na moda, mas Deus sabe que não era, de maneira alguma, bonita.

«Dampfærgevej» indicara a Supe. A família Dreyer-Hoff morava no número 24B. Anette Werner iria encontrar-se com o colega na rua em frente, às onze da manhã.

Caminhou ao longo da água, olhando para o pequeno aglomerado de *folkboats*¹, ioles e iates feitos de fibra de vidro e madeira ancorados na pequena marina. O seu balançar e chapinhar sob o efeito da brisa trazia um eco de vida à desolada área.

¹ Veleiro nórdico. [N. da T.]

Viu Anette no cais, a menos de cem metros, em frente a um moderno edifício de tijolos. Estava parada junto ao quebra-mar, a observar um velho barco de madeira tapado com lonas e que parecia estar a ser inspecionado. Jeppe sorriu. Nunca pensou vir a dizer isso da colega, mas estava com bom aspeto. Continuava grande como um armário, mas, ainda assim, parecia mais delgada e magra na zona das ancas, o que conferia um ar desportivo aos seus ombros largos. Mas não era o simples facto de ter perdido peso. Ultimamente, Anette tinha um novo brilho no olhar, uma profundidade que transformara os seus traços faciais bastante comuns, tornando-a... bonita. Talvez tivesse algo que ver com o facto ter sido mãe ou talvez fosse uma dessas mulheres que vão ficando mais bonitas com a idade. Jeppe tinha certeza de que se fizesse algum comentário quanto à sua mudança ela lhe daria um soco.

— O que é, estás a olhar para o meu rabo enquanto tens oportunidade? — perguntou-lhe Anette, ainda de costas voltadas para ele.

— Seria parvo se não aproveitasse.

— Concordo — ela voltou-se e piscou-lhe um olho.

Chocaram os punhos — um cumprimento de compromisso, seguro, algures entre um abraço e um aperto de mão, que combinava com ambos na perfeição.

— O que tiveste de cancelar hoje?

— Um piquenique em família. Tudo bem. E tu?

— Eu estava com o Johannes em Snekkersten.

— Aha, então ele continua a esconder-se dos malvados e desagradáveis tabloides? — perguntou, enquanto apontava para uma entrada ao lado do edifício e começava a andar. — A porta da frente fica logo ali ao lado.

Jeppe deixou passar o sarcasmo em relação ao amigo. Além disso, a pergunta tinha algo de verdade. Desde que regressara do Chile com o divórcio na mala Johannes mantinha-se inativo. Jeppe começava a preocupar-se com o seu regresso aos palcos.

O botão do intercomunicador do número 24B revelava que a família Dreyer-Hoff era proprietária de todo o último andar do prédio. Um elevador imaculado de aço inoxidável, que fez Jeppe pensar no departamento de Medicina Legal, levou-os diretamente ao apartamento da família. No caminho, Jeppe enviou uma mensagem a Sara avisando de que nessa noite poderia chegar atrasado. Não havia forma de saberem o que poderia aquele dia trazer-lhes.

As portas do elevador abriram-se para uma sala impressionante, onde o piso de tábuas largas desaparecia sob tapetes persas e continuava até às janelas que se estendiam do chão ao teto, com vista para a marina. Linhas depuradas e modernas eram pontuadas por obras de arte coloridas e móveis de madeira antigos e carcomidos, que pareciam ter sido enviados diretamente de mosteiros italianos, embrulhados em papel de seda. Não era uma casa humilde, tal como não o era também a mulher que os recebeu. Malin Dreyer-Hoff era voluptuosa como um anjo de Botticelli, com uns olhos grandes, lábios rosados e um vestido floral verde justo no peito.

— Henrik, chegaram! — apertou as mãos à frente, torcendo-as nervosamente. Tinha os dedos manchados com alguma espécie de tinta azul.

— Olá — Jeppe estendeu a mão, hesitante. — Jeppe Kørner, da Unidade de Investigação da Polícia de Copenhaga. Esta é a minha colega, Anette Werner.

— Peço desculpa. Eu... obrigada por terem vindo tão depressa — aceitou o aperto de mão com dedos flácidos e afastou o olhar.

— Podemos sentar-nos? — Jeppe olhou em volta da sala ampla com uma cozinha aberta do lado esquerdo e paredes de vidro a toda a volta. Parecia uma versão moderna do *loft* que ele sonhava ter desde que vira *Flashdance*, quando era ainda criança. Cheirava a dinheiro.

— Vamos juntar-nos ao meu marido na sala de estar.

Malin conduziu-os ao longo de um comprido corredor com vista para a água de um dos lados e do outro com portas para as

várias divisões. Jeppe espreitou por uma dessas, entreaberta, e viu mais dois quadros e dois monitores finos de computador. A família Dreyer-Hoff construía a sua fortuna a gerir uma leiloeira online de arte e antiguidades. E isso estava bem patente na sua casa.

O corredor terminava numa sala de estar cheia de luz, quase tão grande como a zona da cozinha. Por cima de um sofá rosa de cinco lugares via-se um quadro de Kasper Eistrup, que se adequava ao espaço de uma forma tão perfeita que parecia ter sido feito por encomenda. Perto da janela via-se um cavalete com um quadro azul inacabado e ao lado dele um homem alto e grisalho, de mãos nos bolsos das calças, esperava-os de costas voltadas para o mar. Tinha uma ruga vertical entre as sobrancelhas e estava bem arranjado, com uma camisa branca perfeitamente passada a ferro e umas calças bege apertadas sobre uma barriga saliente. Os ombros eram um pouco descaídos, como costuma acontecer com quem passa a maior parte do dia sentado a uma secretária.

Aproximou-se para os cumprimentar, estendendo a mão.

— Henrik. Olá. Obrigado por terem vindo.

Jeppe ficou intrigado pela sua escolha de palavras, que pareciam mais adequadas a uma chamada telefónica. Mas a verdade é que a preocupação leva as pessoas a dizerem as coisas mais estranhas.

— Sentem-se.

Jeppe e Anette sentaram-se em duas poltronas a condizer, de frente para o sofá rosa, onde, de seguida, o casal se instalou. Henrik Dreyer-Hoff colocou o braço em volta da mulher, de forma protetora.

— Ainda não tiveram notícias do vosso filho? — Jeppe abriu o seu bloco de notas numa página em branco.

Ambos abanaram a cabeça.

— Quando é que perceberam que ele tinha desaparecido?

— Esta manhã — Malin inspirou profundamente. — Geralmente aos sábados tomamos o pequeno-almoço juntos. É uma tradição de família. É o Henrik quem cozinha...

Olhou para o marido, que assentiu.

— Adoro cozinhar, mas durante a semana raramente tenho tempo. Por isso, ao fim de semana... o Oscar pede sempre panquecas. Das americanas, com leitelho e calda — Henrik deteve-se.

Malin deitou um olhar ao marido, como se ele tivesse dito algo de errado, e voltou-se para Jeppe.

— Eu levantei-me cedo e fui pintar — explicou —, enquanto esperava que todos se levantassem e que o Oscar chegasse a casa. Mas ele não apareceu. Às 8h30 liguei-lhe e enviei-lhe uma mensagem.

Jeppe anotou a hora e reparou que a mão de Henrik apertava com força o ombro da mulher. Como se estivesse a apoiá-la. Ou a controlá-la.

— Onde é que ele ficou na noite passada? — perguntou Jeppe. — Ou onde era suposto ter ficado?

— Em casa da amiga Iben, para estudarem para um exame de Dinamarquês. Andam no 9.º ano. Mas ela diz que ele não apareceu. Só lhe falei pouco antes das dez da manhã. Foi então que percebemos que alguma coisa estava mal — Malin ia rodando, nervosamente, o anel em volta do dedo.

— E a Iben não sabe onde ele poderá estar?

— Diz que pensou que ele tivesse mudado de ideias. Eu acho isso estranho. E o pai dela, que deveria ter sido mais responsável e ter-nos contactado, nem sequer sabia dos planos deles. Pelo menos, é o que diz.

— Vamos precisar dos números de telemóvel do Oscar, da Iben e dos pais — Jeppe estendeu o bloco de notas a Malin por cima da mesa. Por um segundo, ela ficou a olhar para o bloco, perplexa, e depois, lentamente, começou a escrever, as mãos trémulas revelando o medo de que algo terrível pudesse ter acontecido.

— Eu acho que pode ter sido raptado — a sua voz tremeu. — Só pensar que ele...

— Onde vive a Iben?

— Em Fredericiagade — respondeu Henrik, e olhou para a mulher. — No número 64, não é? Com o pai. Se cortar caminho através da Cidadela demora cerca de dez minutos a pé. É o que o Oscar geralmente faz.

Jepe acenou com a cabeça para Anette, que pegou, por sua vez, no bloco de notas e se encaminhou para junto da janela, para telefonar à amiga do rapaz.

— Então e o resto da família? Ontem à noite estavam em casa?

— Sim — respondeu Malin, após uma breve pausa. — Bem, o Victor, o nosso filho mais velho, tinha saído com uns colegas, mas o Henrik e eu estávamos em casa com a nossa filha Essie.

— Deixaram-nos isto — cuidadosamente, Henrik pegou numa folha de papel pousada sobre a mesa do café. Umhas breves linhas digitadas a preto, a brilhar sobre um fundo branco. — Só a vimos hoje. Foi então que percebemos que algo de grave se passava e chamámos de imediato a polícia.

Jepe puxou a manga até à extremidade dos dedos, pegou no pedaço de papel e leu.

*Olhou em volta e viu a faca que esfaqueara Basil Hallward.
Limpara-a muitas vezes, até não restar nela qualquer mancha.
Estava brilhante, reluzente. Tal como matara o pintor, mataria
também a sua obra e tudo o que ela significava. Mataria o pas-
sado e, quando isso acontecesse, ficaria livre.*

A quilha sulcou suavemente a água, dividindo as ondas num interminável V atrás do barco. Os gritos das gaivotas acompanhavam o barulho do motor e o sol brincava no topo das ondas, transformando as pupilas do homem do leme em dois pontinhos pretos. CopenHill, uma combinação de instalação recreativa e central de incineração brilhava à luz da manhã, levando qualquer um a pensar que havia

neve na sua pista de esqui artificial. Claro que não havia. Era primavera e a plataforma recreativa estava longe de ficar pronta, pelo que, por agora, os esquiadores da cidade ainda precisavam de viajar para chegarem às verdadeiras montanhas cobertas de neve.

O porto de Copenhaga estava tranquilo. Àquela hora da manhã apenas se viam os autocarros aquáticos do porto e os barcos de recolha de lixo. Dentro de poucas horas, a água estaria cheia de gente nos habituais passeios de sábado pelos canais, barcos alugados e velejadores que saíam para pescar, nadar e acampar nas pequenas ilhas do estreito de Øresund, além de ioles com capitães sequiosos de cerveja e caiaques conduzidos por remadores de olhos claros, protegidos por blusões corta-vento. Por essa altura, ele já ali não estaria.

Avançava sem qualquer plano ou pressão de tempo, precisamente como gostava, inclinando-se apenas conforme os movimentos do barco e deixando o vento espremer-lhe dos olhos as lágrimas da manhã. A fortaleza marítima de Trekroner surgiu à sua frente, a pequena ilha sorrindo a vermelho e verde, convidativa à luz do sol. De modo familiar, Mads Teigen dirigiu o rebocador do forte para o pequeno ancoradouro. Se não fosse o solitário iole de madeira ali atracado, a doca estaria vazia. Amarrou o barco em segurança, desligou o motor e saltou para terra. Os taludes íngremes estavam cobertos de ervas primaveris semelhantes a asas macias verdes e amarelas que cresciam, selvagens, protegendo o velho forte.

Trekroner fora originalmente construída em 1713 como parte das fortificações de Copenhaga, um sistema de estruturas de defesa que incluía vários outros fortes e que desempenhara um papel fundamental em ataques lendários, como a Batalha de Copenhaga de 1801 e o bombardeamento britânico da cidade, em 1807, quando esta perdeu a sua frota. O forte original de Trekroner fora assente sobre três navios velhos que foram afundados e enchidos com rochas.

Um deles chamava-se *Tre Kronor*, e foi o que deu o nome ao forte, embora a maioria das pessoas pense que tem origem na época, mais de 250 anos depois, em que a ilha foi vendida ao governo por três coroas dinamarquesas.

Mads agarrou num saco de plástico perdido e perscrutou o passeio marítimo em busca de sinais de vida, mas não viu nenhum. Como sempre, o seu olhar deteve-se no farol branco, que se erguia na entrada principal do próprio forte. Daí, a estrutura prolongava-se por dois andares abaixo do solo. Durante a I Guerra Mundial, as casamatas tinham servido de base a 750 soldados e mais tarde os alemães usaram-nas durante a ocupação. Entre aquelas paredes descascadas nos corredores abaixo do nível do mar, era ainda possível sentir no ar o cheiro a pólvora e a suor de ansiedade. O pânico e o tédio tinham-se infiltrado na alvenaria, que agora sussurrava as histórias de centenas de homens mortos.

Atualmente, o forte era apenas o lar de pássaros, martas e do seu vigilante solitário, que ali morava, nas antigas instalações do comandante, pintadas de vermelho. Um eremita na sua ilha. Fora esse o seu destino.

Mads atravessou a plataforma, onde estavam a juntar lenha para a fogueira do solstício de verão, e subiu até ao cimo do molhe. Queria ir ver o casal de cisnes que estava a fazer o ninho lá em baixo, junto ao quebra-mar. Do cimo do molhe, a vista das torres e pináculos de Copenhaga, de um lado, e do Turning Torso² de Malmö, do outro, era desimpedida. Ali, de pé, poderia muito bem estar no seu planeta interior, de tão isolado que era. Um enclave deserto no meio da capital, separado da vida agitada da cidade apenas por uma estreita faixa de água.

² Desenhado pelo famoso arquiteto espanhol Santiago Calatrava, Turning Torso é um arranha-céus localizado na cidade de Malmö, no sul da Suécia, no lado sueco do estreito de Öresund. [N. da T.]

O casal de cisnes estava com os seus ovos. A fêmea sentada pesadamente sobre o ninho de ervas marinhas, o macho andando, cautelosamente, à sua volta. Dentro de um mês, o forte teria uma nova ninhada de filhotes felpudos que se manteriam junto da mãe para conseguirem sobreviver às primeiras semanas críticas.

Mads sorriu ante esse pensamento.

Prosseguiu ao longo do molhe, passando por um dos antigos marcadores de navegação com riscas brancas e vermelhas, que se erguiam em postes no seu topo. A primeira despedida de solteiro da estação iria ter lugar por volta do meio-dia. Mads já tinha preparado as paragens da sua caça ao tesouro pelos corredores subterrâneos, mas um impulso fê-lo percorrer novamente o caminho.

O ar entre as espessas paredes de cimento da casamata era mais frio à medida que descia as escadas em caracol que conduziam à cave de teto rebaixado. Os seus passos faziam eco, como se alguém seguisse atrás dele nas sombras. Quando passou pela velha porta da cela com uma cruz vermelha, a distorção do som parecia tão real que não resistiu a virar-se para olhar para trás. Mas claro que não estava ali ninguém, a não ser os fantasmas na própria cabeça.

Mads verificou os doze pontos de paragem e certificou-se de que as cordas estavam amarradas e as lanternas carregadas, antes de voltar para a luz. Dispunha apenas de um par de horas na oficina antes de os convidados chegarem. No caminho de regresso ao alojamento do comandante, passou pelo iole de madeira solitário que continuava atracado no cais. Isso não o preocupou. Ainda assim, trancou a porta principal atrás de si. Não havia necessidade de correr o risco de ser incomodado.

Para ficar mais seguro, trancou também a porta da oficina. Pendurou o corta-vento na maçaneta da porta, guardando o telemóvel num dos respetivos bolsos, e ligou a aparelhagem, deixando que a *Sexta Sinfonia* de Tchaikovsky enchesse a sala.

A perspectiva de uma hora de paz e total tranquilidade para o seu novo projeto fê-lo dar um suspiro de alívio. Tirou do frigorífico um pacote embrulhado em plástico e pousou-o na bancada. Desembrulhou-o com cuidado, encheu uma tigela com água e preparou o bisturi.